



VOZ DA FÁTIMA

Na Lituânia, pequeno país entre o mar Báltico e a Rússia e, desde há várias dezenas de anos, fazendo parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, um grupo de católicos dirigiu um apelo ao governo no sentido de a liberdade religiosa ser respeitada. No documento assinado por 540 católicos, pede-se aos responsáveis governamentais que acabem com as injustiças contra eles cometidas, especialmente nos sectores escolar e da informação. — C. C. I.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Propriedade e impressão: «Gráfica de Leiria» — Telefone 22336
Redacção e Administração: Santuário da FÁTIMA — Telefone 049 97182

ANO LIII N.º 636
13 DE SETEMBRO DE 1975
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Vamos receber como irmãos os deslocados do Ultramar

DAMOS, neste mesmo número, a notícia do que os peregrinos de 13 de Agosto ofereceram, no altar da Eucaristia, para os irmãos que voltam de Angola — a grande parte sem pão, sem trabalho e sem casa. Atendendo a que o peditório não percorreu convenientemente toda a massa dos peregrinos, pode dizer-se que o resultado traduz uma generosidade verdadeiramente fraterna. Mas é evidente que, se atendermos também ao complexo das necessidades, mesmo só as mais urgentes, tudo isto é nada. Nada, e menos que nada, se tivermos em conta os 300.000 que são esperados ainda este ano, e as condições de penúria em que os vamos receber.

Claro que seria fácil, agora, refugiarmo-nos em críticas a este ou àquele, para negarmos o nosso auxílio. Já chovem de muitos lados acusações contra os responsáveis do 25 de Abril, ou porque tomaram, «sozinhos», a decisão de «descolonizar», ou porque encararam, com «ligeireza pueril», os complexos problemas da «descolonização», eles que em grande parte tinham passado pelo Ultramar e tiveram tempo para se darem conta da complexidade dos seus problemas. E também há-de encontrar-se, entre civis e militares, quem se lembre agora, irresistivelmente, à maneira dos nossos meios de comunicação oficiais, das injustiças e da opressão que alguns, ou talvez muitos, dos colonos, por lá praticaram. Como ainda aparecerá quem os não desculpe de certo ar altivo com que apareciam nas suas aldeias de origem, gabando-se de que a África era cá e a Europa era lá.

Não evocamos todos estes aspectos desagradáveis da nossa presença em África pelo prazer de chafurdar em águas passadas que não movem moinhos, e muito menos por qualquer pessoal ressentimento contra os colonos do Ultramar, ou ainda qualquer malévolo desejo de os ver agora, todos, a expiar os pecados de alguns. Sabemos que quem deixa a sua terra e a sua família para ganhar longe o pão de cada dia, precisa de receber, por lá, certas compensações — mais ligadas ao dinheiro e ao poder — que podem chegar a alimentar tentações de lucro fácil, opressão e vanglória; por alguma coisa de muito fundo na alma, alguns dos nossos emigrantes da Europa aparecem em Portugal, uns meses depois de partirem, com um automóvel em segunda mão, que compraram barato e a prestações. Necessidade de mostrar que valeu a pena!

Não deixamos, com isto, de lamentar os excessos de quantos — autoridades, comerciantes e outros — enganaram descaradamente os pretos em preços e medidas, nos matos africanos. Como também achamos simplista a afirmação, ouvida frequentemente da boca de alguns responsáveis, de que só tinha que abandonar o Ultramar quem não sentisse a consciência em paz. Como se o ódio, racial e outro, soubesse alguma vez dis-

tinguir, um a um, os inimigos a abater! Enfim, tragédia dos homens que sulcam mares e vencem desertos para tornar mais curtas as distâncias entre os humanos e alargar o diálogo, as relações (que, por mais difíceis, acabam sempre por dar frutos de fraternidade). Convém não esquecermos, agora que se avolumam aqui os problemas da nossa presença em África, todo o bem que por lá fizeram as gerações incontáveis de Portugueses que um dia deixaram esta faixa ocidental da Europa para finalmente se fazerem africanos com os pretos da África. Convém não esquecermos, nestes tempos em que altos responsáveis apelam precisamente para o esquecimento do passado — aconteceu na independência de S. Tomé e Príncipe — que, por estes colonos, estes homens e estas mulheres que não terão sido nem melhores nem piores do que nós, é que a língua portuguesa se radicou em África e se tornou (assim supomos e esperamos) elemento unificador de raças e povos que dificilmente agora se entenderiam por outros meios — e que talvez mesmo se tenham servido da nossa língua para os esforços que os levaram à emancipação.

Voltam também agora missionários. Um ou outro porque foi mandado embora. Alguns porque têm medo. Ninguém, neste momento, pode prever o que será o futuro cristão dessas vastas zonas onde desde o século XV se anuncia, bem ou mal, o Evangelho de Jesus Cristo, por acção de um povo demograficamente pequeno e economicamente pobre, mas temperamental e cristãmente generoso. Infiéis ao Evangelho, tantos e tantos milhares de Portugueses, só porque

pretensamente dominados pelos instintos colonialistas de uns tantos mercadores de escravos, desses que sempre sabem aproveitar as grandes epopeias para as salpicar de sangue e de pecado? Esperemos em Deus que a História nos dê ainda um dia a consolação de proclamar que, afinal, na grande gesta marítima do nosso povo, tudo se passou como nas grandes, nas maiores gestas da Humanidade: muito mal misturado com muito bem, mas, finalmente, muito mais bem do que mal.

E Deus seja louvado pelo bem que Portugal transmitiu à África, e Deus nos ajude (a nós e aos africanos) a superar fraternalmente esta hora crítica em que nos sobe ao coração o amargor dos pecados cometidos em África.

Deus nos livre também de cometermos a traição hedionda de nos não considerarmos solidários com os colonos que regressam. Solidários nas suas glórias, nas suas derrotas e nos seus pecados. Eles são nossos irmãos. Eles mandaram-nos dinheiro para cá. Eles comungam da mesma fé, e das mesmas fraquezas na fé. Onde quer que eles nos batam à porta, vamos abrir-lhes a porta e acolhê-los. E oxalá não tarde a hora em que, amainada a tempestade, eles regressem à sua África, chamados desta vez pelos africanos, para os ajudarem a prosseguir na marcha de uma História comum, pelos caminhos que ajudaram a abrir.

P. LUCIANO GUERRA

Reitor do Santuário

O QUE OFERECEMOS PARA OS DESLOCADOS DE ANGOLA

Os jornais e a Rádio Renascença (bem-vinda de novo à Fátima) deram notícia do ofertório de 13 de Agosto, em favor dos deslocados de Angola. Contados os sacos e mais umas migalhas vindas depois, temos o resultado de 346.730\$00. O Santuário, esperando ter nisso o acordo dos peregrinos, contribui com mais 250.000\$00. Tudo foi já enviado para a CÁRITAS PORTUGUESA — COMISSÃO CENTRAL — Avenida da República, 84-2.º — Lisboa 1. Seguimos, assim, o conselho do nosso Episcopado que nos fez um apelo escrito em favor dos retornados do Ultramar, na NOTA PASTORAL do Conselho Permanente, difundida em 22/8/75. Mais do que aquilo que foi, este ofertório vale pelo apelo que lançou. Os peregrinos da Fátima, amigos de Nossa Senhora, têm aqui um óptimo campo de caridade, até para as suas promessas. Portugal é um país cristão. Compete aos cristãos de Portugal tomar sobre si a solução dos seus maiores problemas.

A PALAVRA DOS NOSSOS BISPOS

NOTA PASTORAL SOBRE O MOMENTO PRESENTE DA VIDA PORTUGUESA (Continuação)

QUESTÃO DO ENSINO LIVRE

Quanto ao ensino, não podemos deixar de mencionar a progressiva infiltração nos programas escolares de ideologias materialistas e ateias, que em nada podem contribuir para a realização plena da nossa juventude; as dificuldades levantadas à existência do ensino livre ou pelo menos as medidas indirectas de carácter administrativo e semelhantes que, não sendo por si destinadas a extingui-lo, na prática o tornam impossível; e as tentativas de assalto a certas instituições deste mesmo ensino livre, com o fim de lhes impor uma concepção de vida contrária àquela que os pais dos alunos que as frequentam livremente escolheram. Está posta em questão a liberdade de ensino.

Mais uma vez, queremos recordar que se trata de um direito fundamental e importantíssimo, que hoje encontra consagração nos principais documentos jurídico-políticos definidores de uma ordem de convivência verdadeiramente democrática. O direito à liberdade de ensino envolve uma série de outros importantes direitos — dos pais, educadores, educandos, etc. — e está, por sua vez, intimamente ligado a diversos direitos não menos importantes, tais como os da liberdade de pensamento e expressão, liberdade de associação, liberdade religiosa, acesso à educação e cultura, etc..

Repetidamente declarado pela Igreja, e por ela promovido e defendido, o direito de liberdade de ensino recebeu nos tempos modernos solene consagração na Declaração Universal dos Direitos do Homem (arts. 18 e 26) e encontra-se expressamente consignado na maioria das constituições políticas contemporâneas.

No que diz respeito à Igreja, além de invocar o princípio geral da liberdade de ensino, acima referido, incessantemente tem ela declarado que tal direito lhe advém da missão que de Cristo recebeu, motivo por que nunca a ele renunciou ou renunciará, como a história, mesmo nos nossos dias, eloquentemente afirma.

Em declarações oficiais de particular importância, comprometeram-se as autoridades portuguesas a respeitar o direito à liberdade do ensino em geral e, nomeadamente, a sua concretização no caso da Igreja. Assim, o Programa do Movimento das Forças Armadas, hoje Lei Constitucional, proclama o respeito do novo regime português por todos os compromissos internacionais anteriormente assumidos; e bem recentemente, no preâmbulo ao protocolo Adicional à Concordata, assinado em 15 de Fevereiro deste ano, e já ratificado, reafirmou-se a vigência do regime concordatário. Ora a Concordata, no art.º 20, dispõe que «as associações e organizações da Igreja podem livremente estabelecer e manter escolas particulares paralelas às do Estado, ficando sujeitas, nos termos do direito comum, à fiscalização deste e podendo, nos mesmos termos, ser subsidiadas e oficializadas».

Nenhuma dúvida pode, portanto, subsistir

quanto à garantia internacional de que, à face do direito interno português, a Igreja Católica, entre nós, pode criar e dirigir escolas de qualquer grau, a par das do Estado, e mantê-las como instituições suas.

Nenhuma dúvida pode também haver de que toda e qualquer medida que, directa ou indirectamente, clara ou veladamente, implique a negação do facto da liberdade de ensino, quer em geral quer no caso particular do ensino da Igreja, constituirá não apenas violação de um direito que os Estados não conferem mas apenas reconhecem, como denúncia de compromissos solenemente assumidos.

Se a Igreja reclama este direito, fá-lo unicamente movida pela consciência do dever que tem de servir o Povo e pela vontade de contribuir para a sua promoção, com repúdio formal de preconceitos e práticas elitistas.

Ligado ao capítulo da educação, desejamos a propósito denunciar o desaforo da imoralidade pública, principalmente nos grandes centros, e a corrupção dos costumes entre os jovens e no próprio ambiente das escolas. Que fruto espera desta corrupção um País empenhado em renovar-se?

(Continua)

O Episcopado condena a violência e apela a favor das vítimas da crise nacional

1. Mais que uma vez, em documentos recentes, têm os Bispos portugueses condenado as expressões de violência ocorridas ao longo do actual processo revolucionário.

Perante o novo surto de actos desta natureza recentemente verificados, sentem-se no dever de lembrar que a violência, quando fruto da intolerância, da vingança e do ódio, é anti-evangélica, mesmo quando visa aqueles que, em nome da eficácia revolucionária, a proclamam legítima e são os primeiros a praticá-la.

Não se deve, porém, confundir com esta violência, a todos os títulos condenável, a manifestação legítima, e até necessária, do protesto contra a violentação de consciências, a ofensa de direitos, a destruição de valores, os atentados contra a economia e os atropelos à legalidade, que provocam justa indignação.

Por outro lado, a condenação da violência tem de abarcar todas as suas formas, desde os assaltos a propriedades, instituições, sedes de partidos, etc., até às agressões ideológicas, culturais e religiosas — tantas vezes fomentadas pelo sectarismo de alguns órgãos de informação —, sem excluir as manobras oportunistas e as actuações utópicas ou incompetentes que destroçam o País e lançam no desemprego milhares e milhares de famílias.

A violência gera a violência, entrando-se num círculo infernal, que só a força evangélica do perdão e do amor consegue quebrar. Daí a responsabilidade especial dos cristãos na superação da crise portuguesa, por um contributo válido para a obra de pacificação e de reconstrução que urge realizar. O Evangelho que professam dar-lhes-á o esclarecimento e a coragem indispensáveis para lutarem pela verdade, pela justiça, pela liberdade, pela amizade cívica e pelo são desenvolvimento, em que tem de assentar a sociedade nova por que os portugueses anseiam.

2. Sem menosprezar o esforço a empreender na procura e concretização das soluções cor-

rectas nos campos económico, social, cultural e político, os Bispos, no exercício da sua missão pastoral, apela para um movimento de solidariedade cristã em favor de quantos, vítimas da crise nacional, mais sofrem no corpo e no espírito: os sem trabalho, os sem lar, os marginalizados, os perseguidos, os detidos sem culpa formada, etc.. Tal movimento implica acolhimento, compreensão, partilha de bens e participação activa no esforço comum para assegurar a todos pão, lar, trabalho, instrução, segurança, lugar digno na sociedade a que pertencem.

3. Mas, pela gravidade de que se reveste a situação dos retornados do Ultramar, os Bispos exortam particularmente as comunidades e organizações católicas a contribuirem com inteligência e generosidade para a solução dos gravíssimos problemas pessoais e sociais criados pelo seu regresso maciço em tão dramáticas circunstâncias.

Compete antes de mais aos Poderes Públicos responder às exigências de justiça que os retornados tenham direito a formular. Mas é dever de todos os portugueses proporcionar-lhes o acolhimento fraterno que merecem, por serem homens carecidos e concidadãos vítimas de erros nacionais.

A funcionar na Cáritas Portuguesa (Av. da República, 84-2.º, Lisboa, 1), foi constituída uma comissão coordenadora da ajuda católica a esses retornados, que actua em ligação íntima com os organismos oficiais competentes. Integram-na os delegados das principais instituições da Igreja com maior projecção nacional no campo da acção sócio-caritativa. Directamente para ela, ou através das Cáritas Diocesanas, devem ser enviados os contributos em dinheiro, roupas, géneros, medicamentos, produtos de higiene e ofertas de serviços ou alojamentos.

Lisboa, 22 de Agosto de 1975

Novas Dioceses e novos Bispos

A Santa Sé criou recentemente as novas dioceses de Setúbal e Santarém e nomeou para seus bispos, respectivamente, D. Manuel da Silva Martins, que era vigário-geral da diocese do Porto, e D. António Francisco Marques, até agora provincial dos Franciscanos e presidente da Conferência Nacional dos Institutos Religiosos (CNIR).

Na mesma altura, o Santo Padre nomeou também o sr. D. António Baltasar Marcelino, natural da diocese de Portalegre e Castelo Branco de que era o vigário episcopal para a Pastoral, bispo titular de Cércina e auxiliar do Patriarcado de Lisboa.

Aos novos bispos desejamos as melhores bênçãos de Nossa Senhora da Fátima, para o melhor serviço das comunidades a que o Senhor os envia.

Tivemos de adiar o Congresso dos Chefes de Trezena

É com muita pena que a Reitoria do Santuário se vê forçada a dar esta notícia. E pedimos imensa desculpa de a não termos dado mais cedo.

De facto, porque tivemos de adiar o congresso que tantos esperam com ansiedade? A razão está essencialmente na falta de alguém que possa ocupar-se do congresso e do pós-congresso. O pós-congresso é tudo o que se segue ao congresso e que precisa de ser convenientemente acompanhado. O reitor do Santuário da Fátima deu-se conta, nos meses que se seguiram à reunião do ano passado, que muitos chefes saíram da Fátima entusiasmados e queriam trabalhar com afinco. Simplesmente, precisavam de alguém que os ajudasse. Ora esse alguém não existia e não se sabe ainda se existirá. Há esperanças, mas esperanças não são certezas. E por isso, com muita pena nossa, não podemos ainda anunciar a data do nosso primeiro Congresso dos Chefes de Trezena.

Que havemos então de fazer? Pois é muito fácil a resposta: pedir instantemente a Nossa Senhora que nos mande alguém generoso e com suficiente disponibilidade para um trabalho sério e continuado com a Pia União dos Cruzados da Fátima.

Que a nossa oração alimente a nossa esperança!

E pedimos uma vez mais desculpa pelo atraso desta palavra.

A REITORIA

UM NOVO CARTAZ NO SANTUÁRIO

Há quem não acredite nos papéis escritos. Há quem diga que o povo não lê. E na realidade o nosso povo lê muito pouco. Por várias razões. Porque não sabe ler, porque sabe ler mas perdeu o hábito; ou também porque, como dizem alguns, os portugueses são muito conservadores e resolvem os seus assuntos mais pela boca do que pela esferográfica.

De facto, muitos não lêem os cartazes afixados no Santuário. Mas o certo é que alguns lêem e lêem bem... e comunicam depois aos outros o que leram. Daí que o Santuário tenha um grande cuidado naquilo que escreve para afixar.

O último cartaz diz o seguinte: «Irmão visitante! Em Fátima o mais importante é o coração. Mas o seu amor pelos outros também se exprime na MANEIRA DE VESTIR. Por favor, acate as observações dos guardas! Obrigado.»

E com receio de que, assim, não fôssemos suficientemente compreendidos por alguns veraneantes que aparecem em Fátima muito desprevenidos em questão de vestido, escreve-se mais abaixo, num pequeno rectângulo:

«Consideramos chocantes neste lugar: shorts, fatos de banho, tronco nu, dorso descoberto e outras maneiras correntes de se apresentar FORA DOS LUGARES DE ORAÇÃO.»

Geralmente os visitantes acatam as observações dos guardas; mas o 25 de Abril traz, de vez em quando, ao Santuário uns irmãos nossos para quem a liberdade não tem limites (senão os que eles mesmos impuserem). E alguns barafustam. E nalguns casos nós reconhecemos que é desagradável as pessoas terem de voltar para trás, só porque ao partir de casa se não lembraram de que Fátima é um lugar de oração — e não um lugar de turismo. Aliás alguns nem pensarão passar por Fátima quando saem de casa...

tima quando saem de casa...

Mas nós temos que procurar preservar Fátima como lugar de oração. Onde o mais importante é, sem dúvida nenhuma, o coração, o amor, a disponibilidade para a conversão. Mas onde também o amor para com os irmãos nos exige que os não distraiamos com o nosso demasiado à-vontade num lugar que deve ser de concentração espiritual, e de respeito por uma certa solenidade da oração comunitária.

Posto isto, os guardas costumam ser correctos e pacientes. E às vezes até fecham os olhos... em certos dias de sol ardente, como o passado 20 de Agosto, em que as levadas sucessivas de visitantes mal vestidos lhes não davam tempo para acudir a todos os lados.

Irmão! Quando vieres à Fátima, lembra-te de que este lugar é lugar de peregrinação. Prepara o teu coração para a paz... e veste decentemente!

L. G.

Como as sementes da Fátima dão frutos no Brasil

No Santuário da Fátima esteve um bispo brasileiro durante alguns dias, na segunda quinzena de Agosto. Nada de especial neste facto, já que passam por aqui muitos bispos, com muita frequência. Simplesmente, desta vez, e no coração deste sucessor dos Apóstolos, havia uma razão especial. O sr. D. Luís Eugénio Peres, bispo de Jales, no Estado de S. Paulo, desde 1970, tem 46 anos de idade, e veio à Fátima para matar saudades (apesar de nunca cá ter estado antes) e sobretudo para uns dias de acção de graças. Porquê? Só porque sua mãe é natural do Vale Taçã, da freguesia de Santa Catarina da Serra, que dista uma escassa légua da Cova da Iria? Certamente também por isso. Vindo à Europa pela primeira vez (a fim de fazer a visita ao Santo Padre, chamada «Ad Sacra Liminæ») e não podendo trazer sua veneranda mãe para lhe mostrar os lugares queridos onde viveu até à idade de 9 anos (idade com que partiu para o Brasil para nunca mais voltar) o senhor bispo de Jales teve certamente a intenção de ver com os seus olhos a aldeia

de sua mãe e procurar, nos registos paroquiais, notícia das suas próprias raízes. Quem não gosta de conhecer a árvore onde nasceu?

Mas o sr. D. Luís Peres, que também foi à aldeia galega de Goiã visitar a terra de seu pai, trazia no coração um outro desejo muito forte, que teve a amabilidade de nos contar. Foi em 1937. Seu avô (o pai de sua mãe) prometera, lá no Brasil, a Nossa Senhora da Fátima, que, se lhe curasse a esposa duma doença grave, haveria de introduzir o seu culto na sua paróquia de Orlândia, diocese de Ribeirão Preto, no Estado de S. Paulo. Nossa Senhora obteve-lhe a graça pedida, e ele mandou ir da Fátima uma imagem semelhante à da Capelinha das Aparições. D. Luís recorda-se muito bem de que a imagem chegou dentro dum caixote e que o avô a expôs só para os familiares, num quarto da pensão de que era proprietário. D. Luís era então um rapazinho de oito anos. E lembra-se muito bem de que, ao dar com os olhos na imagem de Nossa Senhora da Fátima, sentiu, pela primeira vez, o de-

Um problema grave em vias de solução

Não há peregrino que, em dia de grande ou média peregrinação, se não tenha dado conta de um problema grave da Cova da Iria: a falta de casas de banho (chamemos-lhes assim, não só porque convém evitar nomes que se tornaram desagradáveis por designarem coisas que também o são, mas também porque, de facto, as casas que vamos construir servirão, entre outras coisas, para tomar banho).

Para tentar qualquer coisa que ao menos desagudize o problema, construiremos agora dois blocos iguais aos já existentes dos dois lados do Santuário. Com a diferença de que, junto das retretes, haverá alguns chuveiros e uma secção de lavatórios, assim como uma outra (separada) destinada a cozinha. Tudo isto tendo em conta os peregrinos que vêm a pé e os que passam a noite nas camionetas. Dos «lavabos» uma parte será reservada para os pés. Assim pensamos suavizar um pouco as dificuldades dos peregrinos que sentem este problema como verdadeiramente humilhante. A seguir a estes dois blocos deverá ser construído um terceiro para servir a Praceta de S. José (lado de Leiria).

Brevemente esperamos poder dar mais notícias sobre o trabalho que está a ser feito pelo Serviço de Ambiente e Construções (SEAC), do Santuário, o qual entrou em actividade há alguns meses e é composto do reitor do Santuário, um arquitecto, um engenheiro, um especialista de Liturgia, um elemento da Comissão de Arte Sacra de Leiria e o Ecónomo do Santuário. Entre todos os problemas o maior está em prever as necessidades destes anos mais próximos. O segundo será talvez, pela sua delicadeza, o da Capelinha das Aparições; os peregrinos gostariam que a Imagem de Nossa Senhora fosse mais facilmente visível e, por outro lado, estando a Capelinha a tornar-se

cada vez mais centro de oração, alguns desejariam que se alargasse a área coberta, de modo a abrigar mais do sol e da chuva. Como o vamos conseguir sem destruir um lugar que tantos têm já na memória, e no coração, como o verdadeiro centro do Santuário? Vale a pena pormo-nos todos a pedir luz do Alto, porque o problema é realmente delicado! E desde já agradecemos nos enviem ideias.

A REITORIA

Cartas anónimas... o menos possível

Nós sabemos que nem toda a gente pode ter coragem para revelar as suas ideias em momentos de lutas ideológicas (e não só). Até porque a simplicidade de alguns já nos tem valido uns saneamentos selvagens que são a ruína de famílias inteiras. E, depois, o anonimato sempre foi uma protecção que as sociedades civilizadas acharam por bem conceder aos seus membros mais frágeis. O voto secreto assenta em muita psicologia!

Mas nós, no Santuário da Fátima, nunca saneámos nem denunciámos ninguém por escrever coisas que se julguem desagradáveis. Fazemos, pois, um apelo a quem nos escreve, para um bocadinho mais de coragem. E se faltarmos ao respeito devido a quem discorda de nós, digam-nos, por favor, que havemos de fazer um esforço de emenda. Mas vamos assinar as nossas cartas!

Como as sementes da Fátima dão frutos no Brasil

sejo de ser padre. Daí esta visita ao Santuário da Fátima para recordar, com a Mãe do Céu, aquele primeiro momento de intimidade «sacerdotal», dar-lhe graças... e também, certamente, pedir umas quantas coisas sérias, para si, para os seus, para a sua diocese.

A diocese de Jales tem 400.000 habitantes e só 20 padres. Há sinais positivos de vida nova, mas tudo se encerra ainda na esperança. Vamos pedir, com D. Luís, que a Senhora, Mãe dos Sacerdotes, se comunique intimamente aos jovens da diocese de Jales, como se comunicou, há trinta e oito anos, àquela criança de Orlândia.

Vinte e cinco anos mais tarde, já sacerdote, teve o P. Luís Peres o grande prazer espiritual de coroar a imagem que lhe revelara o apelo do Senhor. Agora, recebeu ele a graça de vir agradecer o seu sacerdócio no local bendito das aparições e oferecer de novo todo o seu ardor de bispo, portador da responsabilidade dos Apóstolos, numa porção da Igreja, no Brasil.

Rezaremos consigo, senhor D. Luís!

A Medalha Comemorativa

Uma mensagem e um caminho

Uma linha doutrinal aliada a uma manifestação de Arte; assim podemos classificar a Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa patente na cripta sul da colunata do Santuário da Fátima.

A Reitoria do Santuário retomou o caminho que a Igreja seguiu durante séculos consecutivos: reuniu em comunidade, dentro do mesmo espírito e debaixo do mesmo tecto, artistas e artífices para realizarem em equipa uma obra de Arte.

Foi reavivado em FÁTIMA, na ocorrência do Ano Santo/75, o dom da Igreja em acolher nos seus claustros e colunatas os maiores artistas da época e proporcionar-lhes a atmosfera ideal de criarem novas formas de beleza.

Por isso, se diz que a Igreja é rica e orgulha-se de possuir as mais extraordinárias manifestações de Arte, desde que o Homem foi criado por Deus.

Mas essas obras de Arte nasceram da comunhão de pensamento entre religiosos e leigos, entre o espírito e a matéria, entre o sagrado e o profano.

FÁTIMA retomou esse rumo de actuação, desprezado há algumas décadas, e o povo de Deus correspondeu e compreendeu. Nos primeiros dez dias, desfilarão no recinto da Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa mais de 14 mil pessoas.

Que pretendemos com esta Exposição?

FÁTIMA é um lugar espiritual. Tudo aqui é apelo de DEUS — para DEUS — princípio e fim — Alfa e Ómega.

A nossa primeira finalidade é pôr em relevo a significação espiritual — transcendente — da medalha religiosa.

É nesta linha pastoral que se desenrola a nossa admiração perante o desfile de pequenas obras de Arte cunhadas em bronze, segundo o poder criador de cada artista, alguns já consagrados.

O peregrino de FÁTIMA, sem quebrar a sua devoção, também peregrina pela cripta, arranjada especialmente para o efeito, e, em frente de cada vitrina e de cada legenda, pode reflectir uma oração, pois as peças expostas possuem essência abundante.

O peregrino, ao entrar no certame, admira uma miniatura da Cruz Alta erigida ao cimo da esplanada do Santuário e, depois, lê a seguinte saudação:

Atenienses:

- ✦ Vejo que sois em tudo os mais religiosos dos homens.
- ✦ DEUS não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa.
- ✦ Ele que a todos dá a vida, a respiração e tudo o mais.

SÃO PAULO

Para as quarenta pessoas que realizaram esta Exposição, o que conta em pleno são as horas de diálogo e de trabalho em comum, em discórdia, às vezes, em vivência activa, pois deixaram uma marca em cada um de nós esses momentos inesquecíveis que foram semente para outros empreendimentos.

Não apenas o Homem e a Igreja; «A Medalha também tem a sua história». Ali também se conta essa história em poucas palavras e algumas imagens.

Ao contrário da moeda, instrumento de trocas comerciais, a medalha teve sempre como principal objectivo a comemoração de qualquer acontecimento.

Para assegurar a sua duração tem-se usado de preferência o ouro, a prata e o bronze.

O peregrino sente, desta forma, os dois rumos que orientaram esta realização: a linha pastoral da Igreja e a sua objectivação em interpretações de Arte por homens dos nossos tempos.

As datas mais importantes na história da medalha, são:

1390 — Artista desconhecido cria a medalha dos senhores de «Carrara» (Itália).

1439 — Pisanelo executa a medalha de João VII, o paleólogo, imperador do Oriente.

1646 — Em Portugal é criada a célebre medalha-moeda chamada «Conceição» para perpetuar a consagração de Portugal à Padroeira.

1717 — No reinado de D. João V nasce a medalhística portuguesa, com a vinda de gravadores estrangeiros.

1925 — João da Silva, insigne mestre da nossa medalhística.

E, desta maneira, entramos propriamente na sala das vitrinas. Mas não queremos antecipar-nos à crítica que o leitor deve fazer quando visitar a Exposição. A sua apreciação deverá ser absolutamente livre, pois pedimos-lhe que no-la transmita para os nossos leitores a conhecerem.

Estamos convencidos de que o peregrino, depois de visitar a Exposição, compreenderá melhor a

MENSAGEM de cada medalha comemorativa religiosa, e saberá conservá-la e acarinhá-la como merece, para que este Santuário possa — em 1977 — realizar outro certame mais profundo e mais belo.

ARTUR SANTA BÁRBARA

A Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa estará patente até ao dia 15 de Outubro, das 10 às 13 e das 15 às 21 horas.

Peregrinação de Agosto

EMIGRANTES NOSSOS IRMÃOS

Foi extraordinária a afluência de peregrinos nos dias 12 e 13 de Agosto, com predominância de emigrantes. Grande parte fez longos percursos a pé.

Os emigrantes, como vem sendo hábito de há anos, procedentes da França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Suíça, Inglaterra, Austrália, Canadá, América do Norte e outros países, fizeram da Fátima ponto de encontro com os seus familiares. Cumpriram promessas, satisfizeram os seus deveres de cristãos e assistiram aos actos comunitários, tanto no Santuário como nos locais relacionados com as aparições.

Presidiu aos actos D. António dos Reis Rodrigues, bispo de Madarsumá e presidente da Comissão Episcopal para as Migrações. Participaram também D. Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria, D. Américo Henriques, bispo de Nova Lisboa (Angola), D. Aurélio Granada Escudeiro, bispo coadjutor de Angra, o director do Secretariado Nacional de Migrações e numerosos missionários das colónias portuguesas em vários países. Presentes ainda grupos de franceses, alemães, italianos, espanhóis e irlandeses.

Os emigrantes tiveram actos privativos às 15 h (saudação na capela das aparições, seguida de palestra nos salões das Casas dos Retiros); à 17.30, celebração penitencial e missa no calvário do cabeço de Aljustrel, seguida de convívio.

Como de costume, os actos oficiais da peregrinação principiaram às 19 h do dia 12, na capela das aparições. Às 22 h, efectuou-se a procissão das velas com a imagem de Nossa Senhora, seguida de missa

concelebrada, sob a presidência de D. Aurélio Granada.

De noite houve: a via-sacra com representação cénica, a adoração ao Santíssimo Sacramento exposto, celebração mariana, missa e procissão eucarística. Estes actos estiveram a cargo duma equipa de sacerdotes e leigos orientada pelos rev.º dr. Armindo da Cruz Valente e padres José Serazina e Tiago Delgado.

Às 10 h do dia 13, os Bispos, sacerdotes e milhares de fiéis, dirigiram-se em cortejo desde a capela das aparições para o altar exterior da Basílica onde se realizou a concelebração da Eucaristia sob a presidência de D. António dos Reis Rodrigues. Tomaram parte, além dos bispos, 120 sacerdotes de várias nacionalidades. Fez a homilia D. António Rodrigues. Ao ofertório fez-se um pedatório entre os peregrinos, para ajuda dos deslocados de Angola. Ao mesmo tempo, muitos peregrinos depositaram junto do altar sacos com trigo para a confecção das hóstias distribuídas nas missas do Santuário, durante o ano.

A comunhão foi distribuída por 120 padres a cerca de 40.000 peregrinos.

Enquanto decorria o pedatório para os deslocados de Angola o bispo de Nova Lisboa dirigiu um apelo pela paz, amor e futuro do novo país, lembrando a criação de 4 novas dioceses e a nomeação de 3 novos bispos anunciados há dois dias. Foi este bispo quem deu a bênção do Santíssimo Sacramento a 115 doentes, entre os quais 11 irlandeses.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus. Fez a transmissão a Rádio Renascença do Porto.



FÁTIMA, 13 de Agosto — Peregrinos da diocese de Leiria e outras, levam ao altar as suas ofertas de trigo.